

V. 19 N. 1  
JAN-JUN 2020

ISSN  
Versão Impressa 2447-9047  
Versão Online 2447-9047

**Diálogos  
Possíveis**

1. DOUTORA EM ANTROPOLOGIA URBANA. MEMBRO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA (APA) PESQUISADORA DO CIES-IUL.

<https://orcid.org/0000-0003-4715-5686>

**Como citar este artigo:**

CACHADO, Rita. Etnografia Urbana, um campo de conhecimento interdisciplinar? **Revista Diálogos Possíveis**, v. 19, n. 1, pp. 111-124, jan/jun de 2020.

Recebido: 13.03.2020

Aprovado: 18.04.2020

# Etnografia Urbana, um campo de conhecimento interdisciplinar?<sup>1</sup>

URBAN ETHNOGRAPHY, AN INTERDISCIPLINARY FIELD OF KNOWLEDGE

*Rita Cachado*<sup>1</sup>

## RESUMO

A Etnografia Urbana é um método e uma abordagem científica, utilizada por cientistas sociais e humanos das mais diversas áreas. Desde logo os antropólogos praticam-na, e tendem a mantê-la como uma competência específica (Ingold 2013), mas é também praticada por outros investigadores muitas vezes formados por antropólogos. Neste artigo apresento o caso da Etnografia Urbana portuguesa. Por um lado, a História desta metodologia em Portugal é internacional, uma vez que cresceu através de relações estreitas entre Portugal, Espanha e o Brasil, e de forma mais esparsa, com os Estados Unidos e com França. É também interdisciplinar – ligada sobretudo à Antropologia, à Sociologia e à História, mas também à Geografia, à Arquitetura e à Ciência Política. Mas por outro lado, a Etnografia Urbana não é um campo metodológico muito seguro de si mesmo. Até que ponto a Etnografia Urbana é interdisciplinar? E quanto aos seus praticantes? Quem são eles e o que os liga? Este artigo espera responder a estas questões, seguindo os resultados recentes de uma pesquisa qualitativa baseada em entrevistas e análise de curricula profissionais sobre a Etnografia Urbana em Portugal.

**Palavras-chave:** Etnografia Urbana. Interdisciplinaridade. História da Ciência. Portugal. Ciências Sociais e Humanas.

## ABSTRACT

Urban Ethnography is a method and a scientific approach, used by social and human scientists from diverse areas. Anthropologists practice ethnography, and tend to maintain it as a specific skill, but it is also practiced by other researchers, often trained by anthropologists. This article presents the case of Portuguese Urban Ethnography. The History of this methodology is international, since it grew under strong

relations between Portugal, Spain and Brazil, and to a less extent, with the United States and France. It is also interdisciplinary – linked mostly with Anthropology, Sociology, and History, but also with Geography, Architecture, and Political Science. On the other hand, Urban Ethnography as a methodological field is not self-assured. To what extent is Urban Ethnography interdisciplinary? And what about its practitioners? Who are they and what links them together? The paper will contribute to answering these questions, following recent results from qualitative research based on interviews and Curricula analysis about Portuguese Urban Ethnography.

**Keywords:** Urban Ethnography. Interdisciplinary. History of Science. Portugal. Social. and Human Sciences

---

### INTRODUÇÃO

O título deste artigo deriva de um questionamento sobre Etnografia Urbana. Será este um campo de conhecimento interdisciplinar? Mas a segunda parte da questão, “campo de conhecimento”, é uma questão *per se*. Nas ciências sociais e humanas, a Etnografia é vista como uma abordagem científica qualitativa, implantada nos métodos qualitativos e inscrita na literatura pela Antropologia. Mais especificamente, é vista por outros investigadores que não antropólogos como um complemento de outros métodos qualitativos. Por exemplo, podemos ter uma abordagem qualitativa coligindo entrevistas gravadas e depois fazer análise de conteúdo ao grupo de entrevistas e, se o trabalho de campo implica uma localização, ou uma instituição, o investigador pode ir ao terreno e aumentar

os seus dados empíricos com dados etnográficos.

Em Antropologia, a Etnografia é o método principal. Etnografia e Antropologia num certo sentido podem mesmo ser sinónimos, porque a Etnografia é uma abordagem teórico-metodológica para fazer trabalho de campo (PEIRANO, 2008). Isto pode ser apenas compreensível para antropólogos, mas esse facto é culpa “nossa”. A Etnografia, para a Antropologia, é claramente um método. Mas porque é o método por excelência, porque mais do que uma metodologia é uma abordagem teórico-metodológica, e porque os dados do trabalho de campo frequentemente acrescentam necessidades teóricas, há grandes probabilidades de o terreno etnográfico provocar mudanças na estrutura teórica.

Por outras palavras, é o tipo de método que, depois de coligir os materiais

## Limites e possibilidades das Ciências Sociais

empíricos, é comum que o tópico de pesquisa também mude ligeiramente. Os antropólogos dizem que durante o trabalho de campo, devemos manter a mente aberta relativamente ao objeto de estudo. No fim de contas, é a forma de garantir que se acrescenta algo à disciplina. Se formos para trabalho de campo com um modelo de análise demasiado rígido, provavelmente perderemos todos os dados que não se encaixam no nosso objeto de estudo. E, durante o trabalho de campo etnográfico, por vezes presenciamos novos dados, eventos inesperados, classicamente chamados de *serendipity* (CABRAL, 2007), que podem informar melhor sobre o que estamos a tentar perceber.

Por causa da centralidade da Etnografia na Antropologia, às vezes aquela ganha mesmo o papel de sinónimo desta. Etnografia descreve um grupo de pessoas num determinado presente. E essa descrição (CLIFFORD, 1990) é rodeada de discursos teóricos que estão em causa na narrativa sobre esse mesmo grupo de pessoas. Desta forma, para um certo ideal de Antropologia, os resultados de um trabalho em Antropologia é uma Etnografia (CAMPBELL & LASSITER 2015). Esta é uma das razões por que alguns antropólogos parecem querer monopolizar o método etnográfico. É também importante dizer que a Etnografia não é só observação participante; também inclui a coleção de outros tipos de dados

(arquivos locais e/ou de famílias; dados provindos dos *media*; textos legislativos; entrevistas formais), de um ponto de vista etnográfico.

Dito isto, é possível que outros cientistas sociais que não antropólogos possam fazer Etnografias “reais”? A questão tem uma armadilha, “real”. Não há uma Etnografia “real”, uma vez que é tão dinâmica como outros aspetos das ciências. Acredito que a maior parte dos antropólogos percebem bem isto, porque não acreditam em coisas mais “reais” do que outras, nem na “origem” de uma tradição, etc. Então, indo direta ao assunto, podem outros cientistas sociais, como os Sociólogos, que são formados na ciência mais próxima da Antropologia, fazer, pelo menos, uma boa Etnografia?

Sem querer alongar-me neste debate, importa referir a Escola de Chicago. Christien Topalov recorda a fundação da Escola de Chicago dizendo que Robert Ezra Park e Ernest Burgess iniciaram um programa de estudos em 1924 considerando as comunidades locais de Chicago e “leur ambition était de faire de la sociologie une véritable science qui, sortait enfin de la salle de classe et de la bibliothèque, affronterait son «laboratoire» naturel: la grande ville.” (TOPALOV, 2015: 11). Muitos investigadores fizeram importantes trabalhos no sentido de compreender o contexto urbano tal como o fazemos hoje. Alguns não eram licenciados

## Limites e possibilidades das Ciências Sociais

em Sociologia ou Antropologia, eram por exemplo jornalistas, mas a Escola de Chicago ganhou estatuto por causa deste esforço interdisciplinar singular no contexto do método etnográfico. Assim, a Etnografia Urbana e a sua interdisciplinaridade estão fortemente enraizadas na Escola de Chicago.

No entanto, o debate sobre etnografias feitas por outros cientistas sociais que não Antropólogos está aberto, pelo menos em Portugal, e acredito que este facto se deve à difícil história que a disciplina tem no país até aos nossos dias. Depois dos primeiros cursos de licenciatura nos anos 1980, cresceu e ramificou-se tematicamente. Mas ao mesmo tempo, foi esmagada internacionalmente pelo pós-modernismo e por um excesso de reflexividade<sup>1</sup>, que levou a Antropologia a um debate interno apenas compreensível dentro da disciplina. Isto aconteceu em Portugal quando a disciplina mais precisava de reconhecimento.

Nos anos 1990 a Antropologia tinha já um importante historial de estudos rurais que foram realizados no contexto democrático.<sup>2</sup> Mas durante essa década foi

---

<sup>1</sup> A reflexividade em Antropologia é diferente da reflexividade em Sociologia. Em Antropologia, grosso modo, é uma forma de fazer teoria (v. Clifford and Marcus 1986).

<sup>2</sup> Antes do 25 de Abril, a Antropologia foi desenvolvida sobretudo no contexto rural (LEAL, 2006). Com a Democracia, os investigadores sentiram-se livres para criticar o regime anterior e para seguir as abordagens internacionais na Antropologia sobre comunidades rurais (Brian O'Neill, João de Pina-Cabral, José Sobral, João

quando aconteceu uma certa viragem para os estudos urbanos (CORDEIRO & AFONSO, 2003), como é o caso de Cordeiro (1997) sobre o bairro da Bica, que é um trabalho reconhecido na Antropologia Urbana, e outros estudos que foram realizados em contextos urbanos mas sem uma contextualização teórica urbana – neste caso podemos incluir estudos de migração, de habitação, de religião, muitos dos quais conduzidos junto de populações pós-coloniais negras, residentes em áreas urbanas. Atualmente, a Antropologia enfrenta um outro passo atrás na sua inscrição enquanto ciência, tendo em conta que está ausente do índice de ciências Frascatti (o índice adotado por Portugal) enquanto área científica principal. Por exemplo, para ser avaliado por Antropólogos, um Antropólogo português precisa de submeter o seu projeto na área científica de Sociologia, mas a presença de antropólogos na sua avaliação não está assegurada.

A Sociologia Urbana e a Antropologia Urbana estão em dívida com a Etnografia Urbana, não esquecendo que o método está também espalhado noutros campos científicos como a Geografia, a Psicologia, a Arquitetura.<sup>3</sup> Mas voltarei ao contexto

---

(Leal). Mesmo antes da Revolução de Abril, alguns investigadores internacionais iniciaram este caminho, como José Cutileiro com um estudo sobre o Alentejo (1972), primeiro publicado no Reino Unido.

<sup>3</sup> No caso português, o interesse cresceu especificamente nos anos recentes com o doutoramento em Estudos Urbanos que se realiza

## Limites e possibilidades das Ciências Sociais

português da Etnografia com mais detalhe. A próxima secção apresenta os métodos aplicados no meu projeto de pesquisa sobre Etnografia Urbana em Portugal.

### METODOLOGIA

O projeto sobre Etnografia Urbana em Portugal começou com uma bolsa de pós-doutoramento (2016-2018) e continua no âmbito de um contrato de investigadora. Este projeto marca uma grande mudança nos meus objetos de estudo; no passado os meus interesses estavam concentrados nas migrações, transnacionalidade, habitação<sup>4</sup>. Inicialmente, para este projeto, uma das intenções era fazer uma aproximação etnográfica ao terreno em causa. O terreno era também o “meu” espaço de atividade profissional, no que se tornou uma espécie de autoetnografia (não no sentido de estar a trabalhar sobre mim, mas sobre um contexto no qual participo ativamente, v. Ellis and Bochner 2000). A outra intenção, que tenho seguido mais intensivamente, foi de fazer entrevistas de trajetória profissional ao universo populacional em causa. E que população é esta? São pessoas que fizeram Etnografia num contexto urbano – antropólogos e outros cientistas sociais e humanos que elegeram a

Etnografia como um empreendimento metodológico importante nos seus projetos.

Além das entrevistas<sup>5</sup>, o trabalho empírico mais importante feito até agora tem-se concentrado na análise dos *curricula* dos investigadores. A análise dos *curricula* (de ora em diante CVs) foi sugerida por uma colega que foi entrevistada no início do projeto, em março de 2016. Este trabalho empírico fornece elementos significativos para compreender a rede profissional desenvolvida entre etnógrafos urbanos. Os CVs fornecem informação sobre graus académicos, e acesso à carreira académica. Este tipo de informação é central para perceber os contextos profissionais e dar conta das diferentes gerações de etnógrafos urbanos. Além disso, os CVs também se referem a projetos de equipa, que por seu lado substanciam a autonomia das Cidades como um campo. Ao mesmo tempo, os projetos de equipa permitem seguir as redes de trabalho, tanto nacionais como internacionais. Finalmente, outros dados “objetivos” podem ser encontrados nos CVs: género, idade, faculdade onde os graus académicos são obtidos, etc. Este tipo de informação oferece uma perspetiva alargada do universo de estudo escolhido.

A abordagem a esta temática tem sido feita mais através de informação recolhida junto dos investigadores do que através das suas

---

no ISCTE-IUL e na FCSH-NOVa, com estudantes que vêm de planeamento, Arquitetura, Antropologia, Sociologia.

<sup>4</sup> Anteriormente trabalhei com uma população Hindu-Gujarati nos subúrbios de Lisboa, em Leicester (RU), em Maputo (MOZ), e em Diu (Gujarate, Índia). A abordagem teórica insere-se na Antropologia Urbana, mas também nos estudos pós-coloniais (CACHADO, 2013; 2014; 2017).

---

<sup>5</sup> Até agora foram conduzidas 21 entrevistas semi-dirigidas com investigadores abordando a sua trajetória profissional.

## Limites e possibilidades das Ciências Sociais

publicações, embora trajetórias e resultados de investigação estejam necessariamente entrelaçados. No campo da História de Ciência, a análise dos resultados, i.e., das obras publicadas pelos cientistas, tem uma tradição em Portugal tanto a nível geral das ciências (FIOLHAIS, 2013), como a nível da Sociologia (ÁGOAS, 2013). Para o objeto de estudo em causa, tendo em conta que os investigadores estão vivos e a trabalhar, não há melhor abordagem do que apresentar as suas próprias representações sobre o campo. Como foi dito anteriormente, a minha experiência em História de Ciência é recente. O que tenho como ponto seguro é que, considerando a Etnografia Urbana em Portugal enquanto campo novo, e o facto de os investigadores estarem vivos, havia uma hipótese de abordar a covidade, isto é, o facto de se poder pesquisar o campo no tempo em que ele decorre, com uma geração (ou duas) de investigadores contemporâneos.

### ETNOGRAFIA URBANA EM PORTUGAL

Quem são os Etnógrafos Urbanos em Portugal? Considerando a literatura existente, há um grupo de pessoas que devem ser vistas como influências decisivas para outros etnógrafos urbanos. Nos seus primeiros passos, o campo é já fortemente interdisciplinar, com pesquisadores que provêm da

Antropologia, da Sociologia, da Psicologia, e da Geografia.

No campo da Antropologia, Graça Cordeiro<sup>6</sup> representa o próprio campo da Etnografia Urbana. Foi ela quem começou a lecionar uma cadeira optativa de Antropologia Urbana em 1989 no ISCTE-IUL, sobretudo para estudantes de Antropologia e de Sociologia, e esta investigadora teve um papel central na formação do Programa Internacional de Doutoramento em Antropologia Urbana Lisboa/Tarragona (de 2004 em diante), e em montar o atual programa doutoral em Estudos Urbanos (ISCTE-IUL/FCSH-NOVA). Graça Cordeiro realizou as suas etnografias, e continua a realizar, sempre em contextos urbanos, com uma abordagem influenciada pela Antropologia urbana (1980; 1997; 2015).<sup>7</sup>

Para o seu doutoramento, realizou uma tese sobre um bairro “histórico” em Lisboa, a Bica (CORDEIRO, 1997). Os seus principais contributos são, primeiramente, o facto de a sua tese ser a primeira em Portugal que podemos considerar como de Antropologia Urbana; segundo, o estudo aprofundado sobre uma coletividade; terceiro, os contributos para o aprofundamento do conceito de bairro;

---

<sup>6</sup> A quem agradeço as generosas entrevistas em dezembro de 2015, novembro 2017, janeiro 2018, entre outras coisas, são registos importantes para a história da insitucionalização da Antropologia Urbana em Portugal.

<sup>7</sup> Contudo, foi só a partir da fase final do seu doutoramento que começou a desenvolver as suas redes de trabalho com antropólogos urbanos.

## Limites e possibilidades das Ciências Sociais

quarto, uma metodologia que incluiu, além de trabalho etnográfico clássico, uma pesquisa de arquivo semelhante às que eram desenvolvidas por outros antropólogos portugueses em contextos rurais, mas feito em contexto urbano, incluindo uma análise de um jornal num período alargado de tempo (1862-1989).

Graça Cordeiro publicou trabalho sobre o campo da Etnografia Urbana, tanto como autora única, como em coautoria (CORDEIRO, 2003; CORDEIRO e COSTA, 1999; BAPTISTA & CORDEIRO, 2002; CORDEIRO & VIDAL, 2008; CASTRO & CORDEIRO, 2014), no que é um conjunto significativo de referências para perceber a sua centralidade no campo da Etnografia Urbana.

Outros investigadores antropólogos que não escolheram necessariamente o contexto urbano como campo etnográfico mas que desenvolveram as suas estruturas teóricas considerando o campo dos Estudos Urbanos (antes de ser assim chamado) incluem: Susana Trovão, que desenvolveu uma importante pesquisa sobre a História da marginalização na cidade de Lisboa (BASTOS, 1997); Filomena Silvano, que começou o seu trabalho num contexto rural, percebeu durante o seu trabalho de campo a importância do contexto urbano (Silvano 1994), tendo mesmo teorizado sobre espaços e lugares com o livro *Antropologia*

*do Espaço* (Silvano, 2001); e finalmente, Antónia Pedroso de Lima, que fez um mestrado e parte do seu doutoramento em Antropologia Urbana em Espanha e depois, para o seu doutoramento, estudou famílias de classes “altas” em contexto urbano (LIMA, 2003). É fácil perceber deste leque de antropólogos que os tópicos, e os tipos de Etnografia Urbana, são bastante diversos.<sup>8</sup>

No campo da Sociologia, uma grande referência para a Etnografia Urbana é António Firmino da Costa, com doutoramento fortemente baseado em trabalho etnográfico e cuja tese publicada (COSTA, 1999) é um trabalho fundamental para os estudantes de Sociologia, pelo menos em Lisboa<sup>9</sup>. O autor desenvolveu um trabalho de campo de longa duração em Alfama (1978-1998), com análise qualitativa e quantitativa, onde a etnografia não foi apenas um complemento metodológico, antes revelou-se uma importante estratégia de pesquisa. O seu trabalho tem muito a dizer em diversas áreas: foi um dos primeiros trabalhos a referir-se a um processo de gentrificação (COSTA, 1999: 378-383); desenvolve o conceito de estruturas de

---

<sup>8</sup> O leque de uma geração anterior de antropólogos que fez ou continua a fazer etnografia em contextos urbanos não se esgota neste sumário, mas estes são os primeiros trabalhos reconhecidos na área.

<sup>9</sup> Para este projeto de pesquisa, Porto, Coimbra e outras realidades universitárias mais pequenas, não foram abordados, por isso não sei se esta afirmação é verdadeira para todo o país, mas vários estudantes e ex-estudantes falam desta referência como a “bíblia da Sociologia”.

## Limites e possibilidades das Ciências Sociais

interação (COSTA, 1999: 296-349); a centralidade da prática cultural do Fado para a população do bairro de Alfama (Costa 1999: 122-151); as estratégias das pessoas que migraram de um contexto rural para um urbano e o significado do lugar de origem (COSTA, 1999: 245-264). Desta forma, o autor dá um importante impulso aos estudos urbanos, pelo menos em três domínios – gentrificação; práticas culturais urbanas; migrações rurais-urbanas – vistos de um ângulo urbano.

Outro investigador, da área da Psicologia, é Luís Fernandes que, na sua pesquisa de doutoramento adoptou a etnografia para analisar o consumo de drogas num bairro periférico do Porto (FERNANDES, 1998). Entre outras razões, o seu trabalho é importante porque na sua tese escreve um capítulo sobre as formas como recolheu os seus dados primários, através dos seus diários, e explica o processo empírico e as suas potencialidades analíticas. Mais tarde esse capítulo é recuperado num importante livro sobre metodologias qualitativas (FERNANDES, 2002), um texto muito claro sobre o seu processo etnográfico, sendo por isso uma ferramenta pedagógica central para lecionar Etnografia; de resto, é um exemplo raro em língua portuguesa sobre diário de campo e os seus usos.

Outros dois investigadores devem ser levados em conta para apresentar esta geração de etnógrafos urbanos. O Geógrafo Jorge Malheiros que, no seu

doutoramento, se focou na Grande Lisboa como universo para estudar as migrações “Indianas”, onde dá conta das limitações dos dados quantitativos para analisar este tipo de populações urbanas (plurais em nacionalidades, naturalidades, religiões), e escolhe a lente micro de bairros específicos para fazer a sua pesquisa (MALHEIROS, 1996). O Sociólogo Luís Baptista, logo na sua tese de Mestrado (BAPTISTA, 1987) inclui a etnografia para abordar o bairro do Rego que é um bairro que representa bem o início do processo de metropolização de Lisboa, uma temática que é central para Baptista na análise dos processos urbanos.

Após estes primeiros trabalhos, estes investigadores e investigadoras fizeram seminários e projetos, programas de mestrado e de doutoramento, trabalhando com dois tipos de colegas – colegas internacionais também comprometidos de alguma forma com a Etnografia e claramente com a abordagem aos processos urbanos, e investigadores juniores interessados no estudo de lugares urbanos usando a Etnografia (CACHADO, 2018). Para este grupo de investigadores mais novos, também podemos falar de uma nova geração, mas este conceito encerra uma armadilha que não é fácil ultrapassar. Por um lado, pertencem a um “grupo” mais novo atualmente entre os 30 e os 45 anos, quase todos eles antigos alunos daqueles investigadores, de várias formas, desde a frequência de aulas (Antropologia Urbana,



## Limites e possibilidades das Ciências Sociais

Sociologia Urbana, Estudos Urbanos); orientados por eles nas suas teses de doutoramento, etc. Metodologicamente, como já foi dito, é uma ótima oportunidade para estudar em coevidade – querendo dizer com isto que estão disponíveis para serem entrevistados, e considerando o campo, não tenho de ficar presa aos resultados das investigações, as publicações, para compreender as práticas de trabalho (embora o mesmo seja verdade também para os mais velhos pois ainda estão longe da reforma), e de facto, parte deles foi já entrevistada (20 entrevistas semiestruturadas sobre trajetória profissional aos mais jovens e apenas três a uma dos seniores, mas importa dizer que para estes, além das publicações e outras fontes empíricas, temos em muitos casos disponíveis *online* entrevistas sobre o seu próprio trabalho). Mas também é verdade que os investigadores seniores não se encaixam no conceito de “gerações” porque alimentam a ideia de trabalho em grupos que cruzam todas as idades, não apenas através de projetos, mas também defendendo relações académicas igualitárias. Esta forma de trabalho é sublinhada por investigadores “juniores” nas suas entrevistas, e cito uma afirmação clara que se refere a esta questão:

“não vejo interesse na questão das gerações se for sob o ponto de vista académico, até pelos objetivos dos mais velhos, que era precisamente desconstruir a questão geracional, agora do ponto de vista dos problemas

enfrentados, é geracional”. (Inês Pereira, entrevista 15/03/2017).

Esta investigadora dá-nos uma boa pista para evitar a armadilha na utilização do conceito de geração: embora a ideia de duas gerações seja incorreta tendo em conta as atitudes dos seniores, as experiências profissionais dos mais novos são completamente diferentes, enfrentando desafios diferentes. Nomeadamente o trabalho precário de longa duração, situação enfrentada em todos os domínios laborais, de resto (CARMO e MATIAS 2019), e a dificuldade de progredir na carreira entre os mais velhos.

Considerando o grupo de entrevistados até ao momento, é fácil encontrar um registo interdisciplinar, embora concentrado na Sociologia e na Antropologia (com casos singulares na História e na Psicologia). Se o projeto de investigação atual continuar a entrevistar investigadores ainda mais novos, encontramos um maior leque de disciplinas de base, incluindo a Arquitetura, o Planeamento, e a Geografia (considerando os cursos de Licenciatura dos alunos do doutoramento em Estudos Urbanos que tem sido oferecido no ISCTE-IUL e na NOVA-FCSH desde 2012, coordenado inicialmente pela Professora Graça Cordeiro e pelo Professor Luís Baptista.

Tentando fazer um primeiro resumo dos tópicos usados por estes investigadores juniores (com Teses de doutoramento entre

## Limites e possibilidades das Ciências Sociais

2007 e 2013, portanto não muito “juniores”), encontramos uma grande variedade – habitação (NUNES, 2009; CACHADO, 2012; QUEIRÓS, 2014); movimentos sociais (PEREIRA, 2009); grafitti (FERRO, 2016) e cultura hip hop (RAPOSO, 2013); gentrificação (PEREIRA, 2018); educação (ABRANTES, 2008); praças (CALVO, 2011).

Contudo, a História da Etnografia Urbana em Portugal ficaria incompleta se não levássemos em conta o contexto de interação internacional, uma vez que a investigação científica tende a ser, “naturalmente” internacional. As relações internacionais no contexto da Etnografia Urbana em Portugal são, desde o início, centradas na Antropologia Urbana brasileira, e também com a Antropologia na Catalunha (dados patentes na entrevista de Graça Cordeiro), e, de forma menos extensiva, com o contexto francês e com os Estados Unidos. Há duas personagens centrais nesta História, Gilberto Velho (1945-2012), no Brasil (CACHADO, 2018), e Joan Pujadas da Catalunha que, nos seus países, representam o coração da Antropologia Urbana. Junto com eles, um vasto número de colegas e ex-alunos compõem esta rede académica. Recentemente, esta rede foi formalizada com um blog académico e com um conjunto de atividades que visam manter o

rumo do trabalho dos seus membros e trabalhar em equipa (ETNO URB).

Para concluir a apresentação deste grupo de investigadores que de certa forma dedicaram parte do seu trabalho empírico através de uma perspetiva etnográfica, faço um sumário das principais linhas encontradas na análise dos *curricula* que foi feita até ao momento. Quarenta e dois *curricula* foram coligidos, de um grupo de aproximadamente 60 investigadores. Os 42 *curricula* são de investigadores portugueses tendo em conta o âmbito da pesquisa, e os restantes são brasileiros, espanhóis e franceses, um dos Estados Unidos e uma da Romênia. Considerando as disciplinas, Sociologia e Antropologia estão no topo, e as outras ciências encontradas são, como esperado, a Geografia, a História, a Arquitetura e a Psicologia.

Considerando as suas atividades profissionais atuais, a ideia de “gerações” não fica totalmente excluída, tendo em conta que 19 estão na carreira científica e 21 não (este número inclui 9 estudantes de doutoramento). Por isso, as categorias de “sénior” e de “júnior” não são negligenciáveis para esta análise (sabendo, contudo, que “júnior” inclui aqui investigadores dos 27 aos 45 anos). Cinco são professores catedráticos, quatro são professores associados, onze são professores auxiliares (três dos quais há mais de 15 anos), e uma é investigadora de

## **Limites e possibilidades das Ciências Sociais**

carreira. Seis têm um contrato de investigação por cinco ou seis anos (e têm feito concursos sucessivos desde o fim do seu doutoramento), três pretendem terminar as suas teses de doutoramento ao mesmo tempo que participam, como bolsiros, em projetos de investigação de equipa, sete têm bolsas de investigação para completar os seus doutoramentos, dois são desempregados apesar de continuar a trabalhar de alguma forma na investigação, e uma trabalha numa área diferente, não académica. Do total dos 42, oito terminaram o doutoramento antes de 2000, onze durante a década de 2000, dez de 2010 a 2019 e os outros cinco estão a terminar os doutoramentos em Antropologia, Arquitetura e Estudos Urbanos, mas o leque de disciplinas abrange a Sociologia, a Psicologia, a Geografia e a História.

Esta súpula de informações visa obviamente dar conta das trajetórias profissionais do ponto de vista da carreira. A razão para esta abordagem está relacionada com uma hipótese que venho desenvolvendo no projeto de pesquisa – o facto de que há uns anos atrás Portugal viveu uma difícil situação para os investigadores (e para a sociedade em geral), nomeadamente as políticas de investigação levadas a cabo durante o período de austeridade entre 2011-2015. Com situações profissionais precárias e a pressão das universidades para publicar,

que decorre de um fenómeno internacional da necessidade de ser citado em revistas indexadas (FERNANDES, 2017), os anos recentes foram vividos sob grande stress para muitos investigadores que participam neste projeto. Esta situação não é singular da Etnografia Urbana, claro, mas considerando o facto de esta pesquisa incluir experiências recentes, a inclusão deste aspeto é imperativa (KNIGHT, & STEWART, 2016).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Tendo em conta os resultados preliminares de um projeto de pesquisa sobre a História da Etnografia Urbana em Portugal, foi sublinhada a interdisciplinaridade. Mas até que ponto é a Etnografia Urbana interdisciplinar? De acordo com os meus interlocutores, tanto os que estão agora a terminar os seus doutoramentos, e que incluem a Etnografia Urbana nas suas metodologias, mas que fizeram as suas licenciaturas para lá da Antropologia e da Sociologia, como os que concluíram os doutoramentos há cinco anos ou mais, a interdisciplinaridade é difícil, se não impossível para alguns deles, sobretudo tendo em conta os enquadramentos teóricos.

Apesar de poderem ser influenciados por trabalhos que provêm de uma diversidade de disciplinas (investigadores que incluíram metodologias etnográficas, formados em diferentes campos

## Limites e possibilidades das Ciências Sociais

científicos), no fim de contas, um investigador tem de, ou sente a necessidade de manter a sua estrutura teórica de base. No entanto, a Etnografia Urbana como método é reconhecida como um caminho empírico para fazer ciência, ancorada num grupo de disciplinas. Dito isto, a hipótese atual é que a Etnografia Urbana em Portugal é de facto interdisciplinar porque é praticada por cientistas de diferentes áreas, e quem a pratica recorre a referências teóricas de disciplinas diferentes das da sua área de formação. Contudo, podemos colocar uma questão epistemológica; se o método é interdisciplinar, porque não assumir que os seus resultados são interdisciplinares?

Outras questões mantêm-se por responder: considerando que a Etnografia Urbana envolve, até certo ponto, um compromisso com os interlocutores, estarão os etnógrafos urbanos mais próximos, ou identificar-se-ão mais, com a pesquisa aplicada ou colaborativa? Porque tenho notado que os Etnógrafos Urbanos que não sejam Antropólogos de formação são mais inseguros relativamente ao método? Será porque estão a ser entrevistados por uma Antropóloga ou porque foram formados na ideia da Etnografia clássica, e por isso os seus contextos urbanos, na sua perspetiva, não encaixam?

Como etnógrafa urbana da geração “júnior”, obtive testemunhos orais, em conversa, de outros investigadores que

estão a realizar as suas etnografias, e uma preocupação comum é precisamente a de estar mais ou menos envolvido com os processos urbanos que estão a observar (v. Alves e Falanga 2019). Apesar de isto não ser novo na etnografia em geral (os processos de mutualidade comumente envolvem processos de reciprocidade), esta realidade merece maior atenção, etnográfica, nos seguintes passos do projeto.

## REFERÊNCIAS

- ABRANTES, P. (2008), *Os muros da escola. As distâncias e as transições entre ciclos de ensino*, Tese de Doutoramento em Sociologia. Lisboa: ISCTE.
- ÁGOAS, F. (2013), “Narrativas em perspetiva sobre a História da Sociologia em Portugal”, *Análise Social* 206, XLVIII (1), 221-256, 2013.
- APA/ASSOCIAÇÃO DE ANTROPOLOGIA PORTUGUESA. Disponível em: <http://www.apAntropologia.org/apa/tag/manual-frascati/>. Acesso em: 02.03.2020.
- BAPTISTA, L.A.V (1987), *Crescimento urbano e migrações internas: contrastes e alterações sócio-espaciais, e redes de interconhecimento. O bairro do Rego – (Lisboa, 1900-1985)*, Dissertação de Mestrado em Sociologia Aprofundada e Realidade Portuguesa, Lisboa, FCSH-UNL.
- BAPTISTA, L.V. & GRAÇA, Í.C. (2002), “Presentes e desconhecidos. Reflexões socioantropológicas acerca do recente fluxo imigratório

## Limites e possibilidades das Ciências Sociais

- no concelho de Loures”, *Sociologia Problemas e Práticas* 40, 22-43.
- BASTOS, S.T. (1997), *O Estado Novo e os seus vadios. Contribuição para o estudo das identidades marginais e da sua repressão*. Lisboa: Publicações D. Quixote.
- CACHADO, R. (2012), *Uma Etnografia na Cidade Alargada. Hindus da Quinta da Vitória em Processo de Realojamento*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- CACHADO, R. (2018), A Etnografia Urbana em Portugal e suas redes com o Brasil, In GONÇALVES, R. e FERRO, L. (ed.). *Cidades em Mudança. Processos Participativos em Portugal e no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad Editora.
- CAMPBELL, E. and LASSITER, L.E. (2015), *Doing Ethnography Today. Theories, Methods, Exercises*. Malden and Oxford, Wiley Blackwell.
- CASTRO, C. e CORDEIRO, G. (Org). (2014). “Apresentação” in Castro, Celso & Graça Cordeiro, *Mundos em Mediação. Ensaio ao Encontro de Gilberto Velho*. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- CLIFFORD, J. (1990), “Notes on (Field)notes”. In SANJEK, R., *Fieldnotes. The Makings of Anthropology*, Ithaca and London: Cornell University Press.
- CORDEIRO, G.Í. & COSTA, A.F. (1999), “Bairros: contexto e intersecção”. In: VELHO, G. (org.), *Antropologia urbana. Cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*, Rio de Janeiro: Zahar Editor.
- CORDEIRO, G.Í. and AFONSO, A.I. (2003), “Cultural and Social Anthropology in the Portuguese University: Dilemmas of Teaching and Practice”. In: DRACKLÉ, D., IAIN, R., SCHIPPERS, E. and T.K. (Ed). *Educational Histories of European Social Anthropology*. New York: Oxford, Berghan Books.
- CORDEIRO, G.Í. e VIDAL, F. (2008), “Introdução”. In: CORDEIRO, G.Í. e VIDAL, F. (Org), *A Rua. Espaço, tempo, sociabilidade*. Porto: Livros Horizonte.
- ELLIS e BOCHNER (2000), “Autoethnography, Personal Narrative, Reflexivity Research as Subject”. In: DENZIN and LINCOLN (org). *Handbook of Qualitative Research*, Thousand Oaks: Sage.
- ETNO.URB/REDE DE ETNOGRAFIA URBANA. Disponível em: <https://etnourb.hypotheses.org/parceiros>. Acesso em 03.03.2020.
- FERNANDES, L. (1998), *O Sítio das drogas. Etnografia das drogas numa periferia urbana*. Lisboa: Notícias.
- FERNANDES, L. (2002), In: Silva, SANTOS, A. e PINTO, J.M. (org), *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Afrontamento.
- FERNANDES, L. (2017), “A Produção do Saber Psicológico na Sociedade do Conhecimento: Breve Reflexão sobre Liberdades e Constrangimentos”, In: FERNANDES, L. (Org.), *O Conhecimento de si na sociedade do conhecimento*. Porto: Apuro Edições.
- FIOLHAIS, C.; SIMÕES, C.S.; MARTINS, D. (Eds.). (2013). *História da Ciência Luso-Brasileira. Coimbra entre Portugal e o Brasil*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- KNIGHT, D.M. & STEWART, C. (2016), “Ethnographies of Austerity: Temporality, Crisis and Affect in Southern Europe”. *History and Anthropology*. 27.
- LEAL, J. (2006), *Antropologia em Portugal, Mestres, Percursos, Transições*. Lisboa: Livros Horizonte.
- LIMA, A.P. (2003), *Grandes Empresas - Grandes Famílias*. Lisboa: Dom Quixote.

## Limites e possibilidades das Ciências Sociais

- MALET CALVO, D. (2011), «A ver quem passa». *O Rossio. Processo Social y dinámicas interactivas en una plaza del centro de Lisboa*. Tese de Doctorado en Antropología. Barcelona: Universidad de Barcelona.
- NUNES, J.P.L.O.S. (2009), *Florestas de Cimento Armado. Os grandes conjuntos residenciais e a Constituição da Metrópole. Lisboa, 1955-1981*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- PEIRANO, M. (2008), "Etnografia, ou a teoria vivida". Ponto Urbe/Revista do Núcleo de Antropologia Urbana/USP. Disponível em: <http://pontourbe.revues.org/1890>. Acesso em: 05.02.2020.
- PEREIRA, I. (2009), *Movimentos em rede: biografias de envolvimento e contextos de interação*. Tese de Doutorado em Antropologia Urbana. Lisboa: ISCTE.
- PEREIRA, P. (2018). *O Parque das Nações em Lisboa: uma montra da metrópole à beira-Tejo*. Lisboa: Mundos Sociais (no prelo).
- PINA-CABRAL, J. (2011), "The two faces of mutuality: contemporary themes in Anthropology". *Anthropological Quarterly* (paper accepted version).
- RAPOSO, O. (2013). *Coreografias da Amizade. Segregação e estilo de vida entre os jovens do break dance da Maré*. Tese de doutoramento em Antropologia. Lisboa: ISCTE-IUL.
- SILVANO, F. (1994), "À procura de olhares cúmplices: a produção social da paisagem na vila de Vizela", *Cultura e arquitectura, Santiago*, In: SEIXAS, P.C., PÉREZ, X.P., SANTOS, P.M. (orgs.).
- SILVANO, F. (2001), *Antropologia do Espaço. Uma Introdução*, Oeiras, Celta.
- TOPALOV, Christian (2015), "Introduction. Une histoire des savoirs et des savants", in *Histoires d'enquêtes. Londres, Paris, Chicago (1880-1930.*, Bibliothèque des Sciences Sociales 5. Paris: Classiques Garnier.

**Diálogos**  
POSSÍVEIS

REVISTA DIÁLOGOS POSSÍVEIS

Editor: Professor Doutor José Euclimar Xavier Menezes

Centro Universitário Social da Bahia (UNISBA)

Avenida Oceânica 2717, CEP – 40170-010  
Ondina, Salvador – Bahia.

E-mail: [dialogos@unisba.edu.br](mailto:dialogos@unisba.edu.br)

Telefone: 71- 4009-2840